

Jornalismo Literário: Uma análise das reportagens da Revista Piauí¹

Deise Graciosa PAGOTTO²
Sonia Regina Schena BERTOL³

Universidade de Passo Fundo – UPF, Passo Fundo, RS

Resumo

Compreender a linguagem literária no jornalismo como uma maneira de contar histórias e de descrever fatos é a principal intenção deste trabalho. Para tanto, este estudo busca o referencial teórico que trata da relação entre o jornalismo e a literatura, e a partir disto trabalha-se com uma análise dos relatos noticiosos da revista *Piauí*, tendo como base o conceito de Estrela de Sete Pontas, de Felipe Pena(2016). Para abordar o tema, o trabalho faz uma retomada nas conceituações teóricas e busca evidenciar o modo que é usada a linguagem literária e como pode se tornar atrativa para o leitor sem precisar de apelos e manifestos sensacionalistas. Desse modo, o jornalismo literário busca se preocupar em contextualizar a informação, através de sentimentos e emoções, sem deixar de lado o fato e a divulgação da realidade. Está é uma pesquisa em andamento.

Palavras-chave: Estrela de sete pontas; gêneros jornalísticos; jornalismo literário; revista *Piauí*.

Introdução

O atual cenário do jornalismo convencional, com toda a sua lógica de *leads* e pirâmide invertida, tem despertado o interesse de se estudar um modelo do jornalismo que ainda não é tão discutido entre os estudantes e mestres de comunicação: o Jornalismo Literário. No cenário da sociedade contemporânea, atual, o excesso de trabalho, a grande necessidade de imediatismo e a falta de tempo não facilitam o processo de construção de textos com características literárias. A predominância de informações menores e fragmentadas são justificativas de que os leitores não gostam e estão sem tempo para ler, tornando assim assuntos e temas de relevância em pequenas

¹ Trabalho apresentado no DT/IJ – Jornalismo, do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul - Sul 2018, realizado de 31 de maio a 02 de junho de 2018.

² Acadêmica do Curso de Jornalismo (Bacharel), Universidade de Passo Fundo – UPF, e-mail: deise.pagotto@gmail.com.

³ Trabalho orientado pela Doutora em comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. Professora da Universidade de Passo Fundo- UPF, e-mail: sobertol@upf.br.

notas e notícias sem aprofundamento. Nesse cenário, acredita-se que a imprensa perde a oportunidade de contar histórias de vidas que poderiam despertar nos leitores uma identificação e que vão além do simples fato cotidiano. Histórias do dia a dia que com profundidade poderiam gerar empatia e fariam com que o leitor se identificasse com a experiência dos outros.

A preocupação com este jornalismo cada vez mais engessado surgiu ainda na época de 60, nos Estados Unidos, onde uma nova forma de fazer jornalismo surgiu. O chamado *New Journalism* trouxe uma nova maneira de relatar fatos e informações cotidianas através de uma mistura da narrativa jornalística e literária, sem perder o intuito de informar.

Associado ao *new journalism* surge no Brasil o Jornalismo literário, que passa a utilizar os recursos ligados a literatura, transmitindo assim, emoções e sentimentos. Com o intuito de detalhamento e aprofundamento dos assuntos cotidianos, o novo jeito de fazer jornalismo se distingue no modo de se apresentar ao leitor, deixando de lado o tradicional modo técnico de escrita jornalística que utiliza a de pirâmide invertida.

Mesmo não tendo definido isso em sua linha editorial, a Revista Piauí, uma das revistas brasileiras mais “consumidas” na atualidade, apresenta características semelhantes as que se destaca o jornalismo literário.

Por isso, com o interesse em aprofundar meus conhecimentos sobre o jornalismo literário e tendo como problema de pesquisa a verificação de como são narrados os fatos através dos elementos característicos da literatura nas reportagens da revista Piauí, objetivasse com este trabalho, realizar uma análise de algumas reportagens da revista, procurando verificar se há de fato a presença e de elementos e características literárias nas reportagens da revista.

Para melhor compreensão da pesquisa, inicialmente, assuntos que envolvem a área literária do jornalismo serão estudados e divididos em capítulos que compõe a revisão bibliográfica. A análise do objeto de pesquisa será feita com base no conceito de estrela de Sete pontas, cunhado por Felipe Pena (2016). Com base neste conceito, o qual busca uma caracterização para o Jornalismo Literário, será possível analisar as matérias jornalísticas, procurando nelas tais características, vendo finalmente se podem ser definidas como Jornalismo Literário ou não.

1. O Jornalismo

O ato de contar histórias? Aprofundamento da realidade? A construção da informação? O que é de fato o Jornalismo? Para Nelson Traquina (2004) o Jornalismo nada mais é do que uma atividade informativa difundida diariamente através dos meios de comunicação – jornais, revistas, rádio, televisão e plataformas online.

Há quem diga que o jornalismo está presente na sociedade desde a existência do homem das cavernas, uma vez que estes escreviam em paredes como forma de comunicação, além de deixar documentados relatos históricos para futuras gerações. Barbosa (1991, p.34) afirma que “a escrita tem origem no momento em que o homem aprende a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos”. Assim, podemos dizer que escrita surge quando o homem passa a ter necessidade de se comunicar, de expor seus sentimentos e pensamentos.

Se os primeiros passos do jornalismo são dados diante do cenário “homem das cavernas”, o jornalismo da contemporaneidade para Sousa (2017) foi precedido por Tobias Peucer, no fim do século XVII. Segundo Sousa (2017, p. 2-3), Peucer trouxe as noções de jornalismo como critérios de noticiabilidade, conceitos, agendamento no jornalismo, relação entre jornalismo e história e relação de mercado.

Mas o grande desenvolvimento da área jornalística se deu a partir do século XIX e XX, época em que houve também desenvolvimentos dos meios de comunicação.

Com o passar dos tempos, as mensagens foram diferenciadas para alcançar audiências específicas. Sistemas avançados de pesquisa de audiência aumentaram a riqueza e rapidez de respostas, tecnologias de mídia interativas concretizaram o desejo por respostas imediatas. Mais do que qualquer outra mudança nos meios de comunicação de massa, esse fortalecimento do elo de resposta alterou a natureza fundamental do processo de comunicação (RIBEIRO, 2008, p.5)

Assim, as mudanças e os avanços tecnológicos fizeram com que o jornalismo passasse por períodos de adaptação e se reinventasse. O surgimento de novas tecnologias eletrônicas (vídeo, televisão a cabo, internet) modificou profundamente os modos de produção jornalística.

Embora esse crescimento tecnológico seja constante, é preciso lembrar qual é o papel do jornalismo diante da sociedade. Traquina (2004) enfatiza a importância de relacionar o exercício do jornalismo com as práticas da democracia. O autor faz alusão ao jornalismo como um Quarto Poder, que estaria complementando o Poder Legislativo, Executivo e Judiciário, enfatizando esse compromisso de “saber” fazer jornalismo, pois

por vezes o jornalismo pode e é utilizado por agentes sociais para fazer valer seus interesses, deixando-se de lado a verdadeira função do jornalismo: informar. Dessa forma, o jornalismo tem a missão de informar, emocionar e relatar a verdade dos fatos.

2. Gêneros Jornalísticos

Como mencionado no tópico anterior, o jornalismo está integralmente ligado ao nosso cotidiano. Em questão de minutos diversos canais emitem centenas de informações. A rede de canais tem crescido e conseqüentemente, contribuído para a prática jornalística, tornando-a mais ágil e dinâmica.

É perceptível, mesmo para quem não tem o hábito, por exemplo, de ler jornais diários, que há uma grande diversidade de textos, algumas diferenças entre as páginas, e uma divisão crescente em editoriais – política, economia, cultura, esportes, entre outros. Aprimoraram-se os modos de “dividir” informações visando facilitar a compreensão dos conteúdos e atrair assim maior público.

Diante deste cenário estudam-se os gêneros jornalísticos, vistos como uma forma de melhor distribuir os conteúdos e inteirar os leitores acerca dos fatos que estão sendo expostos.

2.1 A história dos gêneros jornalísticos

As pesquisas e estudos sobre os gêneros jornalísticos têm avançado muito nos últimos anos, principalmente no Brasil. Mas segundo Francisco de Assis (2015), infelizmente as iniciativas de pesquisas não são reunidas, o que dificulta o processo de desenvolvimento nos estudos conjuntos sobre gêneros jornalísticos.

Mas se falando em fatos históricos, há um consenso entre pesquisadores do jornalismo. Para a maioria dos pesquisadores, o pioneiro nos estudos contemporâneos sobre gêneros jornalísticos foi Jacques Kayser. Segundo Melo, (2015, p. 15, Apud Parratt, 2008, p. 49), “as contribuições de Kayser parecem ter tido tanto peso que constituem sem dúvida o verdadeiro germe dos estudos encetados posteriormente sobre gêneros, especialmente no sul da Europa e em vários países da América Latina”. Kayser é reconhecido por dar várias palestras no Centro de Estudos de Periodismo para a América Latina (Ciespal), em Quito, Equador, e outros países da América Latina.

A “imagem” de Kayser para a Europa e América Latina é o mesmo de Luiz Beltrão no Brasil. Muitas das obras e pesquisas de Beltrão serviram de base para os estudos de José Marques de Melo, tido como “seguidor” de Beltrão. Além de Melo, outros pesquisadores brasileiros se empenharam em estudar os gêneros jornalísticos, mas muito do que é pesquisado acaba não sendo exposto, desta forma opiniões e visões importantes acabam não sendo compartilhadas. Para Assis (2013, p. 9 -10),

é necessário que as recentes discussões sobre gêneros jornalísticos – pelo menos boa parte delas, uma vez que existem diferentes vieses da compreensão desse objeto - sejam compartilhadas com a comunidade acadêmica, afim de que estimulem novos olhares. Dessa maneira, muitos equívocos – principalmente no que diz respeito ao ensino do Jornalismo – podem ser revistos.

Diante deste cenário, seguiremos abordando em nossa pesquisa a divisão sobre gêneros criada por Melo. Essa discussão acerca dos gêneros será apresentada no próximo tópico.

2.2 Discussão sobre os gêneros jornalísticos

Separar, classificar, analisar, e refletir sobre gêneros jornalísticos é uma atividade relevante que ajuda na compreensão o meio jornalístico. O estudo e a criação de novos conhecimentos, mais especificamente dos gêneros, são essenciais para situar a “identidade do jornalismo como objeto científico” (MELO apud PENA, 2016, p. 65). Pena (2016, p. 66) ao questionar sobre o que se tratam os gêneros jornalísticos, afirma que são classificações, cujo objetivo é entender, a partir de um mapa, quais são as estratégias, os tipos e as funcionalidades utilizadas. Se “propõe uma classificação a posteriori com base em critérios a priori” (PENA, 2016, p. 66). A classificação dos gêneros jornalísticos é o grande desafio do campo do conhecimento do jornalismo (MELO apud MEDINA, 2018, p. 16).

Lailton Alves da Costa (2015) explica que nomear gêneros garante legitimação tanto na academia quanto nas redações. Além disso,

[...] também por consideramos como instrumentos pedagógicos válidos para o ensino e aprendizagem do fazer jornalístico. No plano acadêmico facilita a professores e alunos a divisão desses gêneros – ainda que sugira uma visão estanque e fragmentada do discurso jornalístico -, de modo a racionalizar o tempo, contado em semestres na graduação, para o ensino separado dos formatos, características e técnicas de redação para cada um. Outro argumento é que a expressão se justifica por indicar um texto cujo propósito comunicativo de maior peso seja o que define, embora os outros possam aparecer de forma

secundária. O que decorre da própria estrutura textual, pois um texto cujo propósito comunicativo preponderante seja de “opinar” carrega em si o propósito de “informar”, e por expansão, o de “interpretar”, entre outros. (COSTA Apud MELO, 2015, p. 43).

Costa (2015) apresenta os gêneros jornalísticos classificados por Marques de Melo como: jornalismo informativo, cujo formato poderá ser: nota, notícia, reportagem, entrevista; jornalismo opinativo, com os formatos: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta; jornalismo interpretativo, que apresenta os formatos: dossiê, perfil, enquete, cronologia; jornalismo utilitário e os formatos: indicador, cotação, roteiro, serviço, e jornalismo diversional, que tem os formatos: história de interesse humano e história colorida. No entanto, deve ser atentado, como aponta Marques de Melo (2015) que é preciso conhecer as especificidades do relato jornalístico nos suportes antigos e novos.

2.3 Gênero diversional

Um dos gêneros complementares de Melo, o jornalismo diversional, está muito ligado à questão literária. Desta forma, é de relevância para a pesquisa que sejam identificados os aspectos inerentes ao seu surgimento a fim de melhorar a compreensão de suas características. Em nosso material de análise retirado da Revista Piauí, buscaremos verificar também se algumas destas características estão presentes.

Inicialmente, Melo classifica o jornalismo diversional como um gênero complementar com caráter emocional. Visa o sentimento (MELO apud ASSIS, 2015, p. 141). Esse movimento, que tem raízes norte-americanas, no Brasil se consagrou na década de 1960 com a revista Realidade⁴, da Editora Abril, que possuía reportagens extensas e com alta tiragem (FARO apud ASSIS, 2015, p. 157). As origens desse novo modo de fazer jornalismo remetem a um período pós-guerra, caracterizado, a partir da década de 1950, como um período que remete à qualidade de vida, que volta suas preocupações para o emocional humano e adere aos ideais de repouso da mente e do corpo (DE MASI apud ASSIS, 2015, p. 143).

Sendo associado com o jornalismo literário, o gênero diversional, apesar de manter a linha da informação, visa buscar, nos elementos da literatura, um acréscimo

⁴ Realidade foi uma revista brasileira lançada pela Editora Abril em 1966. Destacou-se por suas grandes reportagens com temas esmiuçados e por vezes polêmicos.

de “algo” para atrair o leitor. O gênero foi associado ao *New Journalism*, ou jornalismo literário no Brasil (MELO; ASSIS, 2015, p. 72). Com o uso de recursos literários, há um foco maior na riqueza dos detalhes, nas descrições mais longas, há um uso de metáforas e imersão na história. Os relatos passam a ser mais humanizados, paradigmas em relação à impessoalidade do jornalista com a fonte são quebrados, e há a desconstrução do lead, como analisa Necchi (2018, p.5).

Segundo o que aponta Erbolato (1991, p. 44), é neste gênero que o repórter busca sentir, viver e estar mais próximo do o ambiente e dos obstáculos da história. É exigido deste repórter o dobro de atenção e visão ampliada, uma vez que este não pode se deter a entrevistas, informações e apurações levianas, mas sim explorar sentimentos, ressaltar os cenários, buscar evidenciar elementos que contribuam para a narrativa e ainda estar atento para os momentos de possíveis revelações.

Dentro do gênero diversional foram então apresentadas, por Melo (2015), as categorias histórias de interesse humano e as histórias coloridas.

As histórias de interesse humano são caracterizadas, segundo o autor, como narrativas que primam pelo uso e exploração dos detalhes sobre protagonistas envolvidos em determinado acontecimento:

Recorrendo a artifícios literários, emergem dimensões inusitadas de protagonistas anônimos ou traços que humanizam os “olimpianos”. Apesar da apropriação de recursos ficcionais, os relatos devem primar pela “verossimilhança” sob o risco de perder a “credibilidade”. Destina-se a preencher os espaços ociosos dos aficionados por relatos jornalísticos (MELO; ASSIS, 2015, p. 75).

Seguindo a compreensão do autor, a visão sobre a história colorida é que ela se preocupa com os relatos do local, funcionando como uma espécie de releitura do cenário em que determinado episódio aconteceu. A narrativa utilizada neste formato “colorido” é de tom impressionista, preserva os detalhes e tenta mostrar, através de um repórter que se comporta como um observador afastado, o que muitas vezes não é visto “a olho nu” (MELO; ASSIS, 2015, p. 75).

Identificar e caracterizar o jornalismo diversional – que possuiu diversas nomenclaturas – é reconhecer o seu papel dentro do meio profissional e dar o crédito para os repórteres que vão além da informação essencial para a composição do lead, se atendo, muitas vezes, a questões de cunho social, ainda que o gênero ainda ocupe pouco espaço nos veículos.

É pequeno o espaço que o jornalismo diversional ocupa, pelo menos na imprensa diária e em algumas revistas especializadas. [...] O gênero oferece entretenimento junto com informação. A diversão, portanto, pode ser considerada um caractere do jornalismo, fazendo com que este não fiquem reservados somente nos conteúdos considerados “sérios” ou os textos redigidos em tom formal e desprovidos de qualquer tipo de atrativos. (ASSIS, 2015, p. 159).

A seguir, será tratada a história do jornalismo cultural e suas vertentes, para posteriormente trabalhar a relação entre o jornalismo e a literatura, evidenciando o relacionamento e o processo histórico que une os dois.

3. Jornalismo Cultural

O jornalismo desenvolveu nos últimos séculos um íntimo relacionamento com a cultura, essa entendida como as mais diversas formas de manifestações artísticas em todo o mundo. Neste contexto, Faro (2006, p. 7) acredita que o Jornalismo Cultural é “um território de práticas jornalísticas que tanto reiteram os signos, valores e procedimentos da cultura de massa quanto discursos que revelam tensões contra-hegemônicas características de conjunturas históricas específicas”.

Diante desses processos históricos de relacionamento, em diversos momentos as atividades jornalísticas e culturais tem se encontrado quase de forma híbrida. Essa hibridização teve maior destaque ao longo do século 20. Hoje o desafio maior da cultura é não “ser reduzida ao mero entretenimento”(BREGANTINI Apud BALLERINI, 2015, p. 11).

3.1 O jornalismo cultural na atualidade

Quando se fala em jornalismo cultural no século 21, se fala também em grandes desafios. Não é novidade dizer que os espaços para as artes estão sendo cada vez mais reduzidos. As razões são bem conhecidas: houve uma diminuição da quantidade de suplementos literários que circulavam nos fim de semana dos jornais e há quase uma inexistência de revistas dedicadas integralmente à literatura, por isso, essa área disputa espaço com as demais e quase, se não sempre, sai em desvantagem. Segundo Ballerini (2015, p. 77) essa desvantagem ocorre por três motivos principais:

Primeiro porque estamos na era das imagens, ou melhor, da interação audiovisual. A palavra escrita, não imagética portanto, para ser um atrativo cada vez menor para as novas gerações. Em segundo lugar, porque a literatura não

disputa apenas o espaço editorial dos cadernos culturais, mas também a atenção cada vez mais rarefeita do leitor – especialmente nas grandes cidades. O terceiro motivo é a própria produção do jornalismo literário, cada vez mais difícil e um tremendo desafio para os jornalistas.

Para Szantó (2007, p.42) “A cobertura de teatro, museus ou música clássica está cada vez mais frequentemente empacotada com artigos sobre estilos de vida, jardinagem, viagens e culinária. A cultura está cada vez mais embutida dentro de seções engraçadas e estilosas, nas quais se supõe que os leitores tenham mais interesse”.

E quando falamos em cultura, falamos na perda de espaço para todos os tipos de artes (teatro, artes visuais, cinema, música). Mas voltando a abordagem central da pesquisa, o jornalismo literário, caracterizado como uma mistura de elementos da literatura e jornalismo, também perdeu muito espaço por vários motivos.

Essa perda de espaço, a história do jornalismo literário e a mistura dessas áreas, é o próximo tópico a ser abordado.

4. Jornalismo x Literatura

O jornalismo e a literatura sempre foram tema de discussão entre profissionais, teóricos e pesquisadores, devido ao fato de dividir opiniões acerca de suas relações. O discurso mais presente de distinção entre as duas áreas, é a de que o jornalismo deve retratar a realidade se apoiando na produção de conteúdo que garanta uma noção de verdade. Já a literatura, é a área que permeia o caminho da ficção. Para Pena (2005), ambos, literatura e jornalismo, pertencem à mesma árvore genealógica.

O profissional jornalista, acostumado a fazer recortes diários daquilo que considera realidade, tem o dever de divulgar o que considera mais importante sobre o fato narrado, assim podendo também construir a notícia no formato que entender ser a melhor interpretação do fato, como enfatiza Nanami Sato:

Apesar da vocação para o “real”, o relato jornalístico sempre tem contornos ficcionais: ao causar a impressão de que o acontecimento está se desenvolvendo no momento da leitura, valoriza-se o instante em que se vive, criando a aparência do acontecer em curso, isto é, uma ficção. Além disso, o jornalismo precisa de esquemas para a captação de notícias, dos quais a fonte é uma das principais. As fontes podem constituir posições estereotipadas”(2002, p.32).

No jornalismo literário são contadas histórias, só de que uma forma mais articulada e que se desliga dos padrões tradicionais de escrita jornalística. As histórias

contadas visam passar a emoção dos personagens envolvidos com o fato. Nos textos jornalísticos literários, a essência do jornalismo se mantém, mas a intensidade também ganha espaço. O jornalista apresenta ao leitor o modo de vida das pessoas envolvidas no que é a notícia. Visa o modo que agem, a forma que veem o mundo, as opiniões que carregam e as realidades e ambientes em que estão inseridos. A superficialidade dos textos perde espaço e abre-se espaço para a “identificação” do leitor com os personagens.

O jornalista literário retrata a realidade do cotidiano, mas normalmente aquilo que está escondido por trás dos fatos. Com escrita literária meras histórias, de poucas linhas e sem aprofundamento, viram algo diferente e que atraem o leitor e o leva conhecer os desdobramentos do acontecimento, tendo uma profunda experiência da realidade.

Mas para compreender de que forma os textos literários foram sendo construídos e ganhando espaço no meio jornalístico é preciso entender as vertentes dessa nova maneira de se retratar a informação. Esse novo modo se deve ao *New Journalism*, movimento que ficou muito conhecido por ir além deste trabalho cotidiano da mídia e trazer noções mais amplas de determinadas realidades.

4.1 New Journalism

Trazendo uma nova forma de se fazer jornalismo e uma mistura da narrativa jornalística com a literária, surge na década de 60, nos Estados Unidos, um Novo Jornalismo: o *New Journalism*. A insatisfação de muitos profissionais da imprensa com as regras de objetividade exigidas pelo texto jornalístico, fez com que o novo modo de se narrar os fatos ganhasse espaço. Os nomes mais lembrados são Tom Wolfe, Truman Capote e Gay Talese. Esses autores utilizaram artifícios literários para narrar suas extensas reportagens.

Para Dines (1986), o Novo Jornalismo é uma adaptação de intelectuais às velhas formas de escrever. Dines garante que o *New Journalism*:

Não é uma nova concepção para o jornal, nem nova linha de trabalho ou atitude profissional. É um gênero ao qual podem aderir apenas alguns grandes nomes, cujo peso na assinatura faz com que qualquer jornal ou revista dispute seus trabalhos, seja qual for o estilo que escrevam (DINES, 1986, p.89).

Com o Novo Jornalismo prevalecia a ideia de desprendimento, ou seja, de desconstruir um texto que respondesse as perguntas do *lead*. Tom Wolfe (1976), em seu famoso ensaio *The New Journalism*, fala da origem do gênero, admitindo que o movimento surgiu muito mais por extinto do que em torno de uma teoria.

Duvido que muitos dos que irei citar neste trabalho tenham se aproximado do jornalismo com a menor intenção de criar um novo jornalismo, um jornalismo melhor, ou uma variedade ligeiramente evoluída. Sei que jamais sonharam que nada do que escrevessem para jornais e revistas fosse causar tal estrago no mundo literário [...] provocar pânico, roubar da novela o trono de maior dos gêneros literários, dotar a literatura norte-americana de sua primeira orientação nova em meio século. (WOLFE, 1976, p.9).

De acordo com esta afirmação entende-se que o movimento literário, do qual Wolfe faz parte, surgiu de forma despreziosa. O sucesso do gênero e o poder do novo formato jornalístico pegou de surpresa até os jornalistas, que não tinham noção da grande expansão que o novo jornalismo ganharia.

Wolfe, Mailer, Capote e seus seguidores transformaram reportagens em exercícios literários que presumiam aceitar que o jornalista imaginasse ações, diálogos e até mesmo o que se passava na mente de suas personagens, na busca de reproduzir um fato real (ROCKENBACH, 2014, p.19).

No Brasil, em 1966, a revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde*⁵ são os precursores do Novo Jornalismo. Apesar da literatura brasileira ter uma tradição semelhante no tocante relato, com *Os Sertões*⁶, de Euclides da Cunha; e também as obras de relato social, escritas por Graciliano Ramos, o Novo Jornalismo teve uma existência efêmera no país.

4.2 Jornalismo Literário

O jornalismo literário procura, sem abrir mão de uma apuração ética e criteriosa, construir ferramentas que permitam ao profissional em comunicação apresentar a realidade de uma forma diferenciada, conforme afirma Pena (2016). Além disso, o gênero oferece recursos inspirados na literatura que permitem a construção de narrativas mais atraentes, resultando em textos envolventes, criativos e humanizados (PENA, 2016).

⁵ Foi um jornal diário da cidade de São Paulo, Brasil. Foi um dos jornais que apostaram na escola do new journalism americano.

⁶ *Os Sertões* é um livro brasileiro que aborda a Guerra de Canudos (1896-1897), no interior da Bahia.

Desta forma, o papel do jornalista literário difere do jornalista comercial, pois o jornalismo literário envolve a narração de uma história, uma novidade ou mesmo um relato. O gênero se diferencia exatamente por abordar aspectos da vida social, de interesse da sociedade, tratando de fatos específicos e precisos para se tornar uma abordagem jornalística sem perder o foco tradicional de um meio de informação. Conforme Pena (2016), o jornalismo literário nada mais é do que a humanização ao relatar fatos e personagens de uma forma envolvente que atraia o leitor. O estilo abrange o mundo real, amplia a visão de realidade e descreve os momentos.

“O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias.” (PENA, 2016, p.13).

Na mesma linha, Borges (2013, p. 186) afirma que “o jornalismo literário, de muitas formas, em inúmeros momentos, teve a coragem de desempenhar o papel de ‘advogado do diabo’, pondo o dedo em feridas de cicatrização enganosa”. Lima (1993, p. 7) acrescenta que o produto expande-se para além do trabalho cotidiano da mídia e também se infiltra em campos pouco abordados pela imprensa como um todo, proporcionando ao leitor uma “viagem pelo conhecimento da contemporaneidade”.

Assim, discutidas as divergências de conceituação pelos autores, o próximo passo é entender a conceituação de jornalismo literário. A classificação de Felipe Pena, com a Estrela de Sete Pontas, servirá posteriormente como a categoria de análise do presente estudo.

4.2.1 Estrela de Sete Pontas: as características literárias

Para explicar melhor de que forma compreende o jornalismo literário, o autor Felipe Pena criou a definição Estrela de Sete Pontas. “São diferentes itens, todos imprescindíveis, formando um conjunto harmônico e retoricamente místico, como a famosa estrela.” (PENA, 2016, p. 13).

De acordo com Pena (2016, p. 13-15), o jornalismo literário é como uma Estrela de Sete Pontas, que só funciona quando todas as características estão presentes. Diante deste conceito, ele destaca a primeira ponta da estrela como potencializar o conhecimento absorvido no jornal diário. Nesta “ponta” estão incluídas a checagem de informação, abordagem ética, apuração exaustiva e a observação atenta. A segunda

ponta se encarrega de ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, ou do factual. Nesse caso, o repórter não tem mais *deadline*⁷ de entregar o material no fechamento da edição, ou seja, não tem periodicidade e atualidade. A terceira característica visa proporcionar ao leitor uma ampla visão da realidade. “A preocupação do jornalismo literário, então, é contextualizar a informação de forma mais abrangente possível” (PENA, 2016, p. 14). A quarta ponta da estrela se volta ao compromisso social do jornalismo, o de exercer a cidadania. A pauta deve ser relevante a ponto de contribuir para a comunidade e com a formação do cidadão. Sem fórmulas prontas, a quinta característica do gênero é quebrar com o *lead*. No jornalismo literário, não há uma maneira indicada de iniciar o texto, uma vez que com o aprofundamento e uma abordagem mais complexa, as seis questões básicas das notícias se transformam em muito mais perguntas a serem respondidas ao longo do texto. Em sexto, Pena compreende que se evita o uso dos “definidores primários”, ou seja, evita-se aquelas fontes oficiais (que exercem alguns cargos públicos ou especialistas como professores universitários, advogados, psicólogos, economistas, etc.) que sempre aparecem na imprensa e complementam as notícias. “Como não há tempo no jornalismo diário, os repórteres sempre procuram os personagens que estão legitimados neste círculo vicioso” (PENA, 2016, p. 15). Neste aspecto, o jornalismo literário se preocupa muito mais com as histórias de pessoas “comuns”, pessoas da vida real, as fontes anônimas. Por último, a sétima estrela volta-se a perenidade. O texto deve permanecer por gerações, influenciando e servindo de aprendizado no contexto social daquele local (PENA, 2016).

Além dessas características, para o autor o que distingue o conceito é uma questão linguística.

Assim, defino Jornalismo Literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformando-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata de oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia. (PENA, 2016, p. 21).

5. Revista Piauí

⁷ Termo jornalístico que representa a ultima parte ou data de algum serviço que alguém deveria ter completado.

De acordo com informações retiradas da plataforma online (site) da revista, a *Revista Piauí* é uma publicação mensal é muito conhecida por “optar por um jornalismo com o privilégio do tempo”, como se qualificam em sua página da internet. A revista é editada pela Editora Alvinegra, e distribuída pelo Grupo Abril.

A *Piauí* foi idealizada fundada pelo documentarista João Moreira Salles em outubro de 2006. Com uma estrutura inovadora, em seu enredo, traz pautas pouco convencionais produzidas com narrativa ficcional. Opta também por abordar temas da contemporaneidade de uma maneira mais detalhada.

Mesmo nunca tendo assumido publicamente que segue o jornalismo literário, as matérias, produções e forma de narrativa retratam essa forma da publicação, explica o site Observatório da Imprensa.

Aliado ao caráter inovador e literário da revista, a diagramação e planejamento visual é voltada para uma maneira mais artística do que outras publicações costumeiras. Em sua maioria, as capas não trazem fotos nem manchetes, apenas ilustrações e o título das principais matérias.

Ainda segundo o site do Observatório da Imprensa, além de não seguir uma linha editorial definida, a *Piauí* possui um quadro de editorias mutáveis, tendo apenas algumas seções fixas. Outra característica da revista é a diagramação não é fixa, feita de acordo com o conteúdo de cada edição. Mas o maior diferencial da revista está em sua narrativa. As matérias da *Piauí* não seguem as normas utilizadas no jornalismo tradicional, como o lead por exemplo. O discurso utilizado na revista carrega marcas irônicas, poéticas e literárias.

Referências

ASSIS, Francisco de. *Gênero Diversional*. In: ASSIS, Francisco de; DE MELO, José Marques de. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015.

BALLERINI, Frantiesco. *Jornalismo Cultural no século 21*. São Paulo: Summus, 2015.

BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1991.

BORGES, Rogério. *Jornalismo Literário: teoria e análise*. Florianópolis. Insular. 2013.

COSTA, Lailton Alves da. *Gêneros jornalísticos*. In: ASSIS, Francisco de; MELO, José Marques de. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015.

- DINES, Alberto. *O papel do jornal: uma releitura*. São Paulo: Summus, 1986.
- DINIZ, Lilia. *Piauí uma revista sem gravata*. Observatório da Imprensa, 2007. Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/piaui_uma_revista_sem_gravata> Acesso em 16 abril 2018.
- ERBOLATO, Márcio L. *Técnicas de codificação em jornalismo*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1991.
- FARO, J.S. *Nem tudo o que reluz é ouro*. Contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural, 2006. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewFile/3871/3384>>. Acesso em 16 de abril 2018.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. *Gêneros jornalísticos: repensando a questão*. Disponível em <<http://www.thaisabueno.com.br/wp-content/uploads/2016/01/01-textonovogenero-1.pdf>>. Acesso em 05 de abril 2018.
- MELO, José Marques; Francisco de Assis. *Gêneros Jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015.
- NECCHI, Vitor. *A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”*. Intercom, 2007. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0527-1.pdf>>. Acesso em 17 abril 2018.
- PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- RIBEIRO, Daniela Costa. *As novas tecnologias de comunicação e as transformações no processo de produção televisiva*, 2008. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14557.pdf>>. Acesso em 17 de abril 2018.
- ROCKENBACH, Fábio Luis. *Gabriel García Marques entre a ficção e a reportagem*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2014.
- SATO, Nanami. *Jornalismo, literatura e representação*. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- SOUSA, Jorge Pedro. *Tobias Peucer: Progenitor da Teoria do Jornalismo*. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-tobias-peucer.pdf>>. Acesso em 05 de abril 2018.
- SZANTÓ, András. *O quadro ambíguo*. In: LINDOSO, Felipe. *Rumos do Jornalismo Cultural*. São Paulo: Summus, 2007.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2004.
- WOLFE, Tom. *El nuevo periodismo*. Barcelona: Editorial Anagrama, S. A., 1976. Disponível em: <http://galaxiacapote.com.ar/pagina4/textoscriticos/Wolfe_Tom_El_nuevo_periodismo.pdf> Acesso em 10 de abril de 2018.